

Surpresa

» SACHA CALMON
Advogado



Victor Rezende, Arthur Cagliari e Gabriel Roca fazem um retrospecto do 3º mandato de Lula. O mercado tem se surpreendido com a resiliência da atividade econômica e, aos poucos, essa dinâmica já começa a se refletir nos preços dos ativos. A economia emitiu novo sinal de firmeza com o desempenho acima do esperado das vendas no varejo que se soma a resultados mais fortes do setor de serviços e do mercado de trabalho. Como consequência, a percepção de que os juros podem demorar mais para cair foi reforçada, o que tem ajudado a sustentar o câmbio no momento em que o dólar se mantém abaixo de R\$ 5.

Há, um otimismo crescente com o desempenho do câmbio, em particular. Desde o início de maio, diversas instituições financeiras passaram a projetar o dólar mais baixo no fim do ano, embora o nível de R\$ 5 permaneça presente nas expectativas. O dólar vem se mantendo abaixo desse patamar. O real foi apoiado pelo desempenho do varejo e pela perspectiva de que o processo de redução dos juros será bem gradual. A chance de os cortes terem início em agosto caiu nos últimos dias e deu lugar a setembro nas apostas para o começo da flexibilização. A taxa do DI para janeiro de 2025 ficou praticamente estável, ao passar de 11,73% para 11,72%. Bom para quem tem dinheiro na renda fixa, como tenho lido.

Parte do otimismo se consolidou desde que o governo revelou a proposta de arcabouço fiscal, o que ajudou a retirar cenários mais negativos dos preços dos ativos. “O mercado chegou a projetar uma dívida de 95% do PIB e agora vemos algo em torno de 80%, a dívida não explode e não sai de controle. Economista-chefe do Bradesco, Fernando Honorato Barbosa,

passou a contemplar o dólar a R\$ 5 no fim do ano. O responsável pela área de macroeconomia da Vinci Partners, José

Carlos Carvalho, diz ver espaço para que a dinâmica de um câmbio mais apreciado tenha continuidade, com o dólar negociado entre R\$ 4,80 e R\$ 5. “Meu viés é mais positivo. Pode ser que, no segundo semestre, tenhamos um mecanismo de retroalimentação, em que o dólar cai porque a balança comercial está bem, o que ajuda a conter a inflação e, assim, o juro pode cair um pouco mais. Isso ajudaria a atividade e geraria animação nos mercados.” Embora aponte que a parte da inflação que depende do câmbio seja mais volátil, Carvalho vê espaço para que, em agosto, o Banco Central comece a reduzir os juros, mesmo que de forma bastante gradual, com cortes de 0,25 ponto. A taxa Selic está em 13,75% ao ano, um absurdo.

“Estamos crescendo mais que o esperado, o mercado esperava coisas erradas. E o motivo do crescimento vem, principalmente, do lado da oferta. Não acho que seja inflacionário este momento”, ele diz! Na visão do estrategista-chefe para mercados emergentes do Deutsche Bank, Dráusio Giacomelli, uma economia mais forte pode ajudar a reduzir os embates entre o governo e o BC. “Se o Brasil estiver crescendo, a pressão política sobre o BC diminui, além da pressão para adotar alguma política heterodoxa. Se a economia cresce, não precisa colocar tanto a culpa nos juros.” Eu diria apesar dos juros... “Hoje o banco tem posições vendidas em dólar/real, com o alvo de R\$ 4,80. Giacomelli diz ver margem para valorização adicional, dependendo da economia dos EUA e de questões domésticas. “O

nível de R\$ 4,80 ainda é, pois, cogitado. Distante do pré-covid, então, não tem tanta resistência técnica para o câmbio apreciar mais.”

“A resistência maior para o real é doméstica. Seria bom que o governo fosse além do arcabouço fiscal, porque só isso não basta” diz, sem razão a oposição...! De acordo com Sergio Silva, sócio e cogestor macro da Tenax Capital, a gestora tem posições compradas em real e, no mercado de juros, a aposta está em posições aplicadas (que ganham com a queda das taxas) em prazos intermediários. A casa passou a estudar recentemente apostas nos juros reais. Silva ressalta, porém, que a redação final do texto e o sucesso do governo em conseguir executar a arrecadação prevista devem ser determinantes para a manutenção das posições construtivas.

O fato de o Brasil crescer mais no momento, com os juros altos é obviamente bom para o real e para a população mais pobre. Por isso mesmo à Presidência da República bem como líderes empresariais querem a redução dos juros básicos da economia, hoje estacionados em 13,75% para uma inflação três vezes menor. É um disparate que esse jovem “Bob Fields” acha normal. Prefiro ficar com outros economistas quando dizem vir a inflação dos “serviços” (não estão nem aí para o BC).

Cícero, orador no “Senatus” romano perguntava “Quosque tande Catalina abutere patientia nostra”? É precisamente o caso. Até quando Roberto Campos Neto, abusará da nossa paciência? O pior é que o presidente do BC tem mandato que inclui 2014. O presidente do nosso Banco Central faz ouvidos moucos para o crescimento da economia. Quer pará-la... Ele reza para um Deus que ele próprio criou, ou seja, inflação de 3%. (Nível norte-americano) pode?

Um caminho a tomar

» MARCELO COUTINHO
Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

O planeta está aquecendo e somos todos responsáveis por isso. Mas alguns são bem mais responsáveis do que outros. No topo da lista folgadoamente estão as empresas de petróleo. Para não falar de décadas ganhando trilhões de dólares todos os anos, fiquemos apenas em mente com o lucro da saudita Aramco em 2022, mais de R\$ 800 bilhões. Ou com o da Petrobras, que, a cada trimestre, lucra algo em torno de R\$ 40 bilhões. É muito dinheiro que deveria ser usado agora para a transição energética.

As companhias de petróleo podem continuar tentando empurrar a solução do problema que elas mesmas criaram, ou podem finalmente começar a fazer a coisa certa. Toda essa indústria foi muito importante para o desenvolvimento do mundo desde os anos 1960. Porém, contaminou demais a atmosfera da Terra com dióxido de carbono e agora estamos começando a experimentar um futuro sombrio. A civilização só foi possível graças à estabilidade climática que agora o efeito estufa ameaça. E nem mesmo o lugar mais suntuoso do mundo escapa dos eventos extremos, como mostrou Nova York nublada pela fumaça das queimadas recordes fora de época da igualmente rica Toronto, no Canadá.

Os governos dos países desenvolvidos praticamente todos e a China já decretaram o banimento parcial da gasolina e do diesel para 2035 e sua proibição total em 2050. Isso não será negociado pelo simples fato de que ninguém mais acredita que as petrolíferas ou fabricantes de veículos se autocontenham, muito menos as empresas de carvão. Prometeram captura de carbono e medidas atenuantes, entregam cada vez mais poluição. Ano passado emitiram 36,5 bilhões de

toneladas de CO₂, o que é uma verdadeira insanidade a esta altura. No fim do Paleoceno, 56 milhões de anos atrás, um brutal aquecimento do planeta aconteceu com vulcões emitindo entre 0,6 e 1,1 bilhão de toneladas de dióxido de carbono por ano. Hoje a humanidade emite mais do que isso a cada 10 dias.

Há muitos números apocalípticos pensando num futuro que de fato é assustador, mas a verdade é que a destruição já deu início. As tragédias climáticas pelo mundo, incêndios a inundações, aconteciam até os anos 1980 a cada 82 dias, agora acontecem a cada 14 dias. São cada vez maiores e mais frequentes. Dentro de 10 a 20 anos, o clima pode ficar inviável caso as indústrias que mais poluem não parem agora, sem procrastinação, sem mais uma tentativa de distrair a opinião pública e os tomadores de decisão com falsas promessas e discussões sem sustentação científica. A Petrobras tem um programa de transição energética, mas ao mesmo tempo quer de toda forma um poço novo na Foz do Amazonas. Já tornou público seu objetivo de bater mais recordes de produção, quase dobrando até 2029. Resta saber se haverá mundo depois disso.

Boas iniciativas no exterior começam a ser desenhadas pelas petrolíferas, mas ainda é pouco, muito pouco. É tão pouco que mais parece outra protelação, alegando de novo um “exagero” da agenda ambiental. Todavia, como não dá mais para disfarçar os danos ao clima, é melhor essas empresas se mexerem rapidamente porque a demanda global por petróleo cairá entre 40% e 80% dentro de 27 anos por causa de todas as restrições impostas. Não adiantará nada apressarem-se para explorar tudo o que podem antes de as portas se fecharem definitivamente se no final as

companhias falirem porque não se prepararam com antecedência. Um mundo distópico é, sim, possível, e talvez infelizmente até o mais provável. O que não dá para entender é como chegamos a esse ponto de irracionalidade coletiva persistente.

Qualquer grande capitalista interessado em ganhar dinheiro e proteger sua família deveria investir tudo o que pode na transição energética, especialmente na combinação de usinas eólicas e solares com o hidrogênio verde (H2V), um novo combustível que emite zero carbono e pode substituir os hidrocarbonetos em quase tudo. Sim, é caro. Mas toda nova tecnologia é cara no começo até ganhar escala. Isso não é justificativa para não investir em H2V, pelo contrário. Sairá muito mais caro um mundo sem o hidrogênio verde. E os trilhões que a indústria do petróleo movimentava a cada ano podem muito bem financiar os trilhões necessários para a transição energética, que já é uma questão de segurança nacional e global.

O capitalismo vive de renovação. O hidrogênio verde industrializa, reindustrializa e faz a roda da economia voltar a girar com mais crescimento e modernidade. Falar em carros a gasolina hoje é como falar de carroças 100 anos atrás. Falar de novos poços de petróleo hoje logo será também como falar em óleo de baleia no final do século 19. É preciso ter mais visão ou simples bom senso para salvar a humanidade e ganhar dinheiro. O Brasil é um dos principais candidatos a ser o campeão global dessa nova indústria. Ninguém terá melhor hidrogênio do que o norte-nordeste brasileiro, especialmente o Maranhão. Temos, portanto, um caminho a tomar. O que ainda estamos esperando?

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Ser patriota não deveria ser vergonhoso

Nas aulas, onde eram ministradas a disciplina denominada Organização Social e Política Brasileira, comumente chamada de OSPB, os alunos do antigo ensino médio, aprendiam, entre outras importantes lições, a definição e o significado precisos de uma série de conceitos como, estado, país, nação, governo, partido, ideologia, poder e outros. De posse dessa informação, o aluno podia entender, com mais clareza, algumas regras básicas e as estruturas que davam, e dão, sentido ao Brasil e que fazem deste grande país o que ele é. Assim ficavam sabendo que o país é a parte física e que, em sentido figurado, serve de cenário onde atua a porção humana ou os atores, chamados aqui de nação.

A esses elementos agrega-se o que se chama de governo, que age como uma espécie de maestro a reger esse conjunto ou orquestra. A junção de país, nação e governo forma um só elemento, denominado Estado. Dessa forma o Estado, ao englobar o país, a nação e o governo, passa a ser entendido como uma entidade única e jamais dissociada de suas partes.

Colocado didaticamente dessa maneira, ficam entendidas algumas premissas básicas, mas que, comumente, por ignorância ou mesmo má-fé, são propositadamente deixadas de lado, como a que ensina que o governo não é mais importante ou está acima da nação.

Outro entendimento primário é que a nação não pode ser subjugada pelo governo. O governo não é dono do país. O país pertence à nação. A nação é soberana, é o que nos diz a Carta Magna e que significa que todo poder dela emana e em seu nome deve ser exercido. Em suma, os alunos aprendiam uma importante lição: o governo trabalha para a nação, administrando suas riquezas, distribuindo justiça, cuidando para que a nação alcance os melhores índices de desenvolvimento.

Pelo fato de o Estado brasileiro traçar seus destinos com base no regime republicano, fica entendido que as eleições, para a alternância do poder, são fundamentais e o melhor meio de administrar o Estado. Além disso, fica claro também que nesse regime, os bens e as riquezas produzidos, ou a coisa pública, tem apenas um dono e herdeiro: o povo brasileiro, sendo inadmissível e mesmo criminoso que o governo faça uso dos bens e das riquezas da população em proveito próprio.

Um dos problemas, desde sempre, com boa parte das lideranças políticas, além da pouca instrução e da baixa escolaridade, é que muitos desconhecem esses princípios básicos e agem à margem do que mandam as leis, causando sérios danos à população. Até mesmo um aluno mediano na disciplina de OSBP podia presumir que o subdesenvolvimento crônico e persistente do Brasil tinha em suas origens na baixíssima qualidade moral e cognitiva das elites dirigentes, que compunham o governo, aqui subdividido em Executivo, Legislativo e Judiciário.

Para esses estudantes, apenas pelas definições desses conceitos, ficava explícito que as elites que no governo, cuidavam, desde sempre, de administrar o Estado, não somente não conheciam o Brasil, como desconheciam a própria nação brasileira, a quem tratavam como subalterna e útil apenas em época de eleição.

Também, por meio dessas lições, era aberta uma janela ampla, por onde os alunos começavam a perceber que estavam na população também as raízes desse divórcio litigioso entre Governo e Nação, uma vez que ela não conseguia enxergar sua importância e sua posição dentro do Estado. Até mesmo o pessoal da administração que ficava nos arredores cuidando da manutenção da escola, ao escutar algumas dessas aulas, parava suas atividades e se punha a pensar nessas questões. Por certo, muitos desses que estão hoje em posição de prestígio nos governos, não tiveram aulas de OSPB ou encaravam essa disciplina como supérflua. O resultado está aí.

» A frase que foi pronunciada

“Onde mora a liberdade, ali está a minha pátria.”

“Os operários não têm pátria.”

Benjamin Franklin e Karl Marx

Estranho

» No berçário do Hospital Anchieta em Taguatinga e na UTI Neonatal, as enfermeiras com luvas, colocam o dedo mindinho na boca dos nenês para parar o choro.

Diante do passado

» Antônio Carlos Magalhães seria uma oposição interessante nos tempos de hoje. Como pouca coisa mudou, basta ler as notícias da época da CPI do Judiciário.

» História de Brasília

Outra coisa: foi feita uma concorrência para vender o que havia apodrecendo na cantina. Aliás, por sugestão nossa. Ninguém sabe o resultado dessa concorrência. (Publicada em 21/3/1962)